



COMEÇANDO PELA RAIZ

Assim como uma moeda, o *funk* apresenta duas faces. Uma é a cultura impregnada em seu ritmo e o que ele representa para a periferia. A outra é a fábrica de crimes que nele se encontra. Há músicas que falam sobre consciência racial e ética, porém há aquelas que difamam a imagem feminina, com palavras e coreografias obscenas, colocando a mulher como objeto e, somando-se a isso, de forma explícita, o tráfico e uso de armas e drogas.

Não se pode dizer que *funk* não é cultura, pois, desde os anos 1960, ele participa do dia a dia dos norte e sul-americanos. Pode ser de maneira indireta, mas esse estilo musical está em alta nas rádios e baladas. Desceu o morro e invadiu as casas da classe alta, fazendo os jovens dançarem nas festas, involuntariamente, já que o ritmo contagia.

Do mesmo modo, não se pode afirmar que os bailes só servem para a propagação de crimes. As letras das músicas não fazem nenhum tipo de apologia ao uso de drogas, ao uso de armas, ao abuso sexual; elas retratam o que esse povo sofre nas favelas. A falta de instrução e de educação se dá pela falta de apoio do Estado para os mesmos. O problema é bem mais profundo que se possa imaginar.

As crianças de periferia raramente possuem educação, tanto escolar quanto domiciliar, e acabam por seguir os passos dos seus ídolos, os *funkeiros*. Eles nada mais são que pessoas de baixíssima renda que, com a música retratando seus costumes, ganharam a mídia e a audiência da população. Por que não ir por esse caminho? Parece ser tão fácil! Pelo menos mais fácil que tentar cursar uma faculdade não paga no Brasil. Infelizmente essa é a realidade.

O *funk*, considerado polêmico, agitou os mercados de trabalho e financeiro. Fez circular pelo Brasil aproximadamente R\$ 10 bilhões, gerando emprego para o pessoal envolvido nos *shows*. O governo em vez de criminalizar os bailes *funk*, deveria começar melhorando a base dessas pessoas. Levando ao morro toda a assistência de que precisarem. Começando por colégios e associações que acolhessem crianças, não as deixando perambular pelas ruelas da periferia. Fazendo isso, a vida dessas teria uma condição elevada de qualidade, induzindo os *funkeiros* a escreverem sobre isso. Não seria gratificante ouvir que mulheres conseguiram cargos importantes em empresas? E jovens que passaram naquele vestibular concorrido, ou o musicista que ficou famoso por cantar sobre isso viajar o mundo exibindo essa cultura maravilhosa que o país tem a oferecer? É fácil sonhar alto. Complicado de acontecer, porém, não impossível.

Bibiana Almeida Prado
3º ano / Itapema
2017